

ISOLAMENTO DO DERMATÓFITO *MICROSPORUM GYPSEUM* DE AMOSTRAS DE TERRA DOS ESTADOS DE SÃO PAULO E MINAS GERAIS -(BRASIL)

Raymundo Martins CASTRO (1)

RESUMO

O *M. gypseum* tem sido encontrado em São Paulo como causador de infecções humanas. No presente trabalho é relatado o isolamento do *Microsporium gypseum* em amostras de solo de São Paulo (Capital e Interior) e Minas Gerais (Interior).

INTRODUÇÃO

Desde a verificação de AJELLO¹, o qual, utilizando a técnica de VANBREUSEGHEM², conseguiu isolar o *M. gypseum* da terra, numerosos pesquisadores têm, com êxito, cultivado êsse fungo de amostras do solo.

No Brasil, SILVA³ isolou-o na Bahia, GONÇALVES⁴, no Estado da Guanabara e LONDERO & RAMOS⁵, no Rio Grande do Sul.

Com o propósito de verificar sua ocorrência em terras de São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal, fizemos a presente investigação.

MATERIAL E MÉTODOS

A técnica utilizada foi a de VANBREUSEGHEM², amostras de terra são distribuídas em placas de Petri esterilizadas, cheias até a metade. Fragmentos de cabelos humanos, autoclavados, são adicionados à superfície da amostra de terra, em estudo, à qual adiciona-se água destilada até obter grau satisfatório de umidade.

Havendo crescimento miceliano (Fig. 1) sobre os cabelos, examinam-se os mesmos



Fig. 1 — Placa com amostra de terra mostrando crescimento de *Microsporium gypseum*, sobre os cabelos.

microscôpicamente, sendo fácil a identificação do *M. gypseum*, pelo aspecto típico de seus macroconídios (Fig. 2). O isolamento é feito em meio de Sabouraud, adicionado de penicilina, estreptomina e ciclo-heximida segundo as indicações de GEORG³, onde o fungo se desenvolve, formando colônias características (Fig. 3).

Fac. Med. da Univ. São Paulo, Inst. Med. Tropical — Depart. de Microbiologia (Prof. C. S. Lacaz) e Clínica Dermatológica e Sifiligráfica (Prof. S. A. P. Sampaio).

(1) Assistente-doutor do Instituto de Medicina Tropical e Médico-auxiliar da Clínica Dermatológica e Sifiligráfica.



Fig. 2 — Abundante formação de macroconídios de *Microsporium gypseum*, em cabelos expostos à terra.

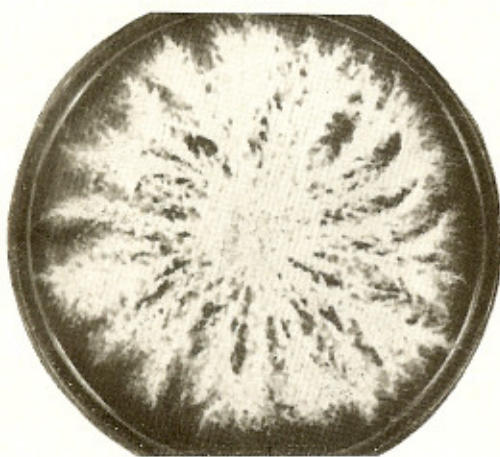


Fig. 3 — Colônia de *Microsporium gypseum*, isolada de amostra de terra de Santa Bárbara d'Oeste (SP).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com essa técnica, estudamos amostras de treze locais distintos, a saber: 4 de São Paulo, capital; 4 de São Paulo, interior (Casa Branca, Santa Bárbara d'Oeste, Santa Isabel e São José do Rio Preto); 1 de Belo Horizonte; 3 do interior de Minas Gerais (Cordisburgo, Perdões e Mateus Leme) e 1 de Brasília (DF).

Em material procedente de três localidades pudemos isolar o *M. gypseum*, a saber:

São Paulo, capital (Jardim Paulista), São Paulo, interior (Santa Bárbara d'Oeste — zona rural) e Minas Gerais, interior (Cordisburgo, Gruta de Maquiné).

No material estudado não encontramos o *Keratinomyces ajelloi*, outro fungo queratofílico e geofílico já isolado em nosso país⁵. Constaram, também, de nosso estudo, amostras de solo colhidas em asilos de crianças onde grassavam endemicamente infecções do couro cabeludo dos menores, por *Trichophyton tonsurans* e *Trichophyton violaceum*, não havendo contudo crescimento desses fungos nas placas estudadas.

O *M. gypseum* tem sido encontrado em São Paulo como causador de infecções humanas^{2, 6}.

Pessoalmente, nos dois últimos anos observamos 6 casos de dermatomicose por esse fungo, 2 de *Kerion celsi*, 2 de *tinea glabrosa corporis*, 1 de onicomicose e 1 de foliculite do bigode. Num deles a localização da lesão sugeria infecção de origem telúrica (Fig. 4).

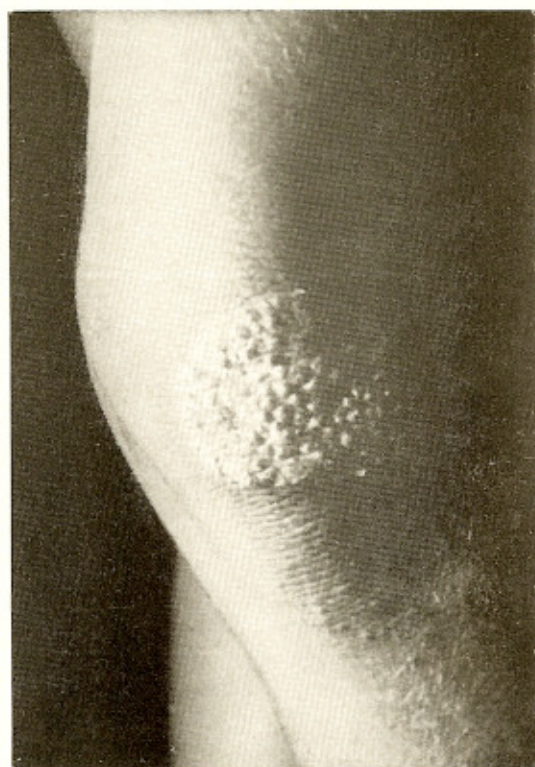


Fig. 4 — Lesão cutânea por *Microsporium gypseum*, possivelmente de origem telúrica.

SUMMARY

Isolation of the dermatophyte Microsporium gypseum from soil samples of the States of São Paulo and Minas Gerais, Brazil.

The isolation of *Microsporium gypseum* in samples of soil of the States of São Paulo and Minas Gerais, Brazil, is related.

ADENDA

Estando o presente trabalho no prelo, isolamos *M. gypseum* de dois menores, irmãos, portadores de tinha da pele glabra. De amostra de terra obtida na residência dos mesmos (bairro do Sumaré, São Paulo, Capital) foi possível isolar o fungo.

REFERÊNCIAS

1. AJELLO, L. — The dermatophyte *Microsporium gypseum*, as a saprophyte and parasite. *J. invest. Dermat.* 21:157-171, 1953.
2. CASTRO, A. M. — *Achorium gypseum*, Bodin 1907. *An. brasil. Dermat. & Sifil.* 14:1-14, 1939.
3. GEORG, L. K. — Use of a cicloheximid medium for the isolation of dermatophytes from clinical materials. *Arch. Dermatol. & Syphilol.* 67:355-361, 1953.
4. GONÇALVES, A. P. — Comunicação à XII Reunião Anual dos Dermatossifilógrafos Brasileiros, Curitiba, 1960.
5. LONDERO, A. T. & RAMOS, C. D. — Ocorrência dos dermatófitos "geofílicos" no solo do Rio Grande do Sul, Brasil. *Rev. Inst. Med. trop. São Paulo* 3:75-77, 1961.
6. ROSSETI, N. — Contribuição para o estudo do *Achorium gypseum*, Bodin 1907. Quatro casos observados em São Paulo. *Arq. Dermat. & Sifil.* São Paulo 3:3-45, 1939.
7. SILVA, M. E. — Ocorrência do *Cryptococcus neoformans* e *Microsporium gypseum* em solos da Bahia, Brasil. *Bol. Fundação Gonçalo Moniz* nº 17:1-6, 1960.
8. VANBREUSEGHEM, R. — Technique biologique pour l'isolement des dermatophytes du sol. *Ann. Soc. belge Med. trop.* 32:173-178, 1952.

Recebido para publicação em 30 março 1961.